

AQUISIÇÃO DA SINTAXE DA NEGAÇÃO NO PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2) *

Hely Dutra Cabral da FONSECA

RESUMO *Este artigo apresenta um resumo de minha tese sobre a aquisição da sintaxe da negação no português brasileiro (PB) como segunda língua, por falantes adultos. O referencial teórico para sua realização é fornecido pela Teoria de Princípios e Parâmetros em seus desenvolvimentos mais recentes. Os dados, com acompanhamento longitudinal, foram coletados de estágios iniciais da fala de informantes adultos em processo de aquisição do PB. Concluímos que os falantes se apóiam na evidência do estatuto de Neg, em XP, para determinar a ausência de concordância negativa. A negação no núcleo indica possibilidade de concordância negativa nas línguas. Observou-se, também, que a ordem desenvolvimental constatada em um trabalho anterior, na aquisição do PB como L1, se repete, quando o PB é uma L2, indicando, assim, que a língua que está sendo adquirida impõe uma certa ordem na aquisição da negação.*

ABSTRACT *This paper presents a summary of my thesis on the acquisition of the syntax of negation in Brazilian Portuguese (BP) as an L2, by adult learners. The theoretical background is provided by the recent development of the Principles and Parameters Theory. The data, with a longitudinal follow-up, were collected from the informants' initial stages in the acquisition process. We concluded that the informants rely on the evidence of the Neg position, in XP, to determine the absence of the negative concord. Negation in the head position indicates possibility of negative concord in languages. It has also been observed, that the developmental order verified, in a previous paper, on the acquisition of Brazilian Portuguese as an L1 is confirmed when BP is an L2, thus indicating that the language being acquired imposes a certain order in the acquisition of negation.*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentado ao Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 04 de fevereiro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Mary A. Kato.

INTRODUÇÃO

O fenômeno estudado é a aquisição da negação e fenômenos correlatos, como a concordância negativa e a negação externa.

Nas línguas naturais, a negação é considerada como marcada na representação estrutural da sentença; as sentenças negativas são distintas das afirmativas pela presença de certa morfologia, e propriedades sintáticas. Quando as línguas são comparadas, encontramos quatro aspectos de variação relacionados à negação.

O primeiro deles é a ordem, que possibilita a presença da negação em posição pré-verbal ou pós-verbal. O segundo aspecto relaciona-se ao fenômeno denominado concordância negativa (CN), que é caracterizado pela presença de dois ou mais elementos negativos, os quais são interpretados como uma negativa simples.

(1) Ele **não** disse **nada**. (português, + CN)

O terceiro aspecto é o da negação descontínua, como o caso de *ne...pas* do francês. O quarto aspecto é o da negação externa como no caso do *não... não* do PB..

(2) Ele **não** foi ainda **não**. (português, - neg descontínua, + neg externa)

Os aprendizes de PB como L1 ou L2 têm que aprender que o PB é uma língua:

(3) [+neg pré-verbal], [+ CN], [+ negação externa].

O fato de não haver negação em posição pré-verbal, CN ou negação externa na L1 do falante que está adquirindo PB como L2, uma língua do tipo [Neg préV, +CN, + neg externa], pode constituir-se em uma outra fonte de dificuldades. Se assumirmos que a L1 tem algum papel no estado S_0 .

1.1. Resultados e objetivos

Nosso primeiro trabalho teve por objetivo analisar o estágio inicial da gramática do PB como L2, a partir da fala de uma informante de língua alemã. Pesquisou-se a ordem de aparecimento do operador de negação, das palavras-n, e da concordância negativa. Vimos que o desenvolvimento da negação da informante apresentou semelhanças com o da aquisição da negação por crianças brasileiras¹ quanto à ordem

¹ Os dados de aquisição do PB como L1 foram consultados no Cedae/Unicamp, sendo, portanto, as amostras analisadas provenientes da fala de crianças da região de Campinas/São Paulo. Uma outra amostra, mais recente, também de uma criança de São Paulo, nos foi cedida por Telma Magalhães, a quem agradeço.

de aquisição, apontando a existência de um *default* para a negação, com a estrutura [V Neg, -CN]².

Na presente tese os objetivos são: (a) descrever as diferenças entre a sintaxe da negação do PB e a das línguas estrangeiras estudadas; (b) mostrar como os fenômenos da negação do PB são adquiridos por falantes de outras línguas, e (c) especificar o tipo de acesso, dos sujeitos, à GU.

1.2. As hipóteses

Com base nos resultados de nosso primeiro trabalho³, podemos formular a seguinte hipótese empírica:

O desenvolvimento dos sujeitos da presente pesquisa será semelhante ao que ocorre com crianças, quando da aquisição da negação no PB como L1, com as seguintes fases:

- i) Surgimento da negação simples pós-verbal, que pode ser concomitante com a negação pré-verbal.
- ii) Surgimento das palavras-n, isoladas, sem concordância negativa.
- iii) CN expressa por [negação pré-verbal + palavras n].

Contrapondo a hipótese de que o alemão tem o *default* para a negação, proposta de nosso primeiro trabalho, com a hipótese de muitos autores de que o estado inicial é a L1 do falante e não o valor *default* que a criança usa, temos, assim, duas hipóteses teóricas a testar:

- a) [S_0 = valor *default* do parâmetro = neg pós-verbal e -CN];
- b) [S_0 = L1 para L2]

1.3. Metodologia

Na presente pesquisa, estamos assumindo que os falantes, todos adultos, já dominam uma gramática, e que, portanto, essa gramática, que tem os parâmetros marcados de uma L1, será revelada durante a aquisição de L2. Buscamos evidências dos parâmetros que os informantes têm já assentados de sua L1.

Utilizamos para as análises o método observacional, parcialmente controlado, uma vez que definimos, desde o início, o objeto de estudo: acompanhar a aquisição da sintaxe da negação e fenômenos correlatos no PB como L2.

Com as línguas do grupo I, espanhol, italiano e francês, procuramos detectar os efeitos que se replicam entre línguas que partilham de propriedades semelhantes

² A estrutura [VNeg] aparece na fala da criança, no entanto, [Vneg] não está presente no *input*.

³ Cabral da Fonseca, dissertação de Mestrado, IEL/Unicamp, 1999.

relacionadas ao fenômeno da negação. Os dados do sujeito da nossa primeira pesquisa foram levados em conta para efeito de comparação.

No grupo II temos línguas diferentes do PB quanto à negação, que são o inglês americano e o chinês cantonês. Optamos por fazer um levantamento longitudinal da coleta de dados desses informantes, com o objetivo de acompanhar o desenvolvimento dos mesmos. O polonês, língua semelhante ao PB, foi analisado com o objetivo de verificar se o que foi observado com as línguas do grupo I se repetiria.

O *corpus* analisado compõe-se de entrevistas gravadas por sujeitos em processo de aquisição do português brasileiro.

A seleção dos sujeitos obedeceu a dois critérios: a) falantes de línguas [+CN]: espanhol, italiano, francês e polonês; e b) falantes de línguas [-CN]: chinês cantonês e inglês americano. Alguns falantes foram entrevistados em Campinas/SP, outros em Salvador/BA.

1.4. A organização do trabalho

O presente trabalho está organizado em seis seções, esta introdução que apresenta o objeto de estudo, propõe objetivos, levanta as questões da pesquisa, as hipóteses, informa a metodologia. A seção II, que trata dos estudos sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira, das teorias sobre aquisição de L1 e de L2, conforme a teoria gerativa. A seção III, que aborda teorias sobre a negação, de acordo com a teoria dos Princípios e Parâmetros, procurando relacionar a noção de parâmetros à de negação. A seção IV, que trata da negação nas línguas envolvidas. Na seção V, tratamos da aquisição do PB por falantes de: a) línguas [+CN], espanhol, italiano, e francês; e b) e línguas [-CN], inglês americano e chinês cantonês, e de polonês, [+CN], apresentando a discussão dos dados. Finalmente, na seção VI, apresentamos as conclusões apontadas pela pesquisa.

Seção II - Aquisição de L1 e L2.

O modelo de regência e ligação (*Government and Binding*, Chomsky, 1981) segue-se ao modelo do Padrão Estendido. Esse novo modelo ficou mais conhecido como Teoria de Princípios e Parâmetros, cuja pesquisa busca indicar os Princípios como propriedades obrigatórias comuns a todas línguas naturais, e os Parâmetros como propriedades de escolha binária os quais, portanto, podem dar conta da variação entre as línguas.

2.1. O Modelo de Princípios e Parâmetros e a aquisição de L1 e de L2

A teoria gerativa afirma que a capacidade de falar é inata, na aquisição de L1, fazendo parte da bagagem genética de todas as pessoas. É a tese do inatismo, que atribui um conhecimento interno ao falante. A comprovação dessa capacidade dos

falantes se traduz por diferentes habilidades como, por exemplo, a de julgar sentenças aceitáveis ou não, pelo domínio das anáforas, sem que nenhuma instrução formal tenha sido feita e pela compreensão e produção de frases nunca ouvidas.

No caso de aquisição de uma segunda língua (L2), discute-se qual seria o estado inicial (S_0) para a L2. De onde partiria o falante, que já tem uma L1, com os parâmetros marcados? As possibilidades abertas da GU estariam disponíveis para esse falante? Ou teria o falante acesso somente aos parâmetros marcados de sua L1? A sintaxe de L1 seria transferida para L2? Se o falante já tiver passado do período crítico para aquisição da linguagem, o que acontece?

2.2. As hipóteses sobre o estado inicial em L1 e na L2

A tarefa da criança no processo de aquisição da L1 é, segundo o modelo de Princípios e Parâmetros, basicamente a de fixar os valores dos parâmetros abertos que estão na GU. A criança, exposta a uma língua, deverá atribuir um determinado valor a um parâmetro, proposto como binário, com as possibilidades de marcação para [+] ou para [-] para uma determinada propriedade em uma língua.

Na aquisição de L2 a questão do acesso à GU é entendida e respondida de formas diferentes conforme a concepção de GU vai se modificando na teoria.

Partindo do pressuposto de que o adulto, ao aprender uma segunda língua (L2), já marcou o valor do parâmetro para sua primeira língua (L1), discute-se como seria o comportamento desse adulto no caso em que sua L1 e a língua alvo apresentem valores diferentes para um mesmo parâmetro.

Existe uma linha de pesquisa que nega haver acesso à GU, é a hipótese do **Acesso Nulo** (Clashen & Muysken, 1986; Bley-Vroman, 1989). Esta hipótese considera a aquisição de L2 como um fenômeno não lingüístico.

A hipótese de Lennenberg (1967) defende a existência de um **período crítico** para aquisição da linguagem entre dois e doze anos de vida de um indivíduo.

A hipótese do **Acesso Pleno**, defendida por Schwartz & Sprouse (1996) propõe que a gramática de L2 sofre inicialmente transferência total da L1, sem incluir as matrizes fonéticas e a morfologia.

A hipótese é denominada de **Acesso Parcial** e abrange, pelo menos, duas linhas de pesquisa. A posição defendida por Vainikka & Young-Scholten (1996), chamada de *Minimal Trees*, e a proposta de Eubank (1996), denominada por ele de Teoria de traços inertes (*Valueless features*). Há o entendimento de que a GU dá forma ao conhecimento através da competência lingüística adquirida no desenvolvimento da L1. Tal concepção, aponta Meisel (2000), deveria ser entendida como **Acesso Indireto** à GU. Caso em que, para Meisel, a questão está mais vinculada a se um parâmetro, uma vez estabelecido na L1, poder ser reassentado ou não na L2.

2.3. A abordagem de Roeper

Roeper (1999) afirma, apoiando-se em dados empíricos, que somos todos bilíngües quando crianças. Tomando como ponto de partida exemplos da aquisição da língua inglesa, como *'I want'* e *'me want'*, o autor mostra que as duas formas resultam porque a marcação de Agr⁴ é opcional na gramática da criança: *'I want'* e *'he wants'* revelam Agr e *'me want'*, não. A criança passa a ser monolíngue ao fazer Agr obrigatório. Roeper defende a existência de um bilingüismo em que se postula que a criança tem duas gramáticas, uma com Agr e outra sem Agr. No caso da existência de duas gramáticas, uma deve representar uma gramática *default*, denominada pelo autor de *Minimal Default Grammar* (MDG), que funcionaria com economia ótima.

É interessante considerar a proposta de Roeper, quando se pensa na aquisição de L2, porque a aquisição de L2 parece depender de se ter uma gramática anterior.

2.4. Nossas hipóteses

Adotaremos para nosso estudo, na aquisição da sintaxe por imersão, as seguintes hipóteses:

- a) se o acesso ao aprendiz tiver o mesmo valor paramétrico das propriedades da L2, a L1 atuará como o estado inicial, podendo-se observar a aquisição instantânea;
- b) se a L1 do aprendiz tiver o mesmo valor paramétrico das propriedades da L2, a L1 atuará como o estado inicial, podendo-se observar a aquisição instantânea;
- c) se a L1 do sujeito for marcada diferentemente da L2, o acesso à GU será direto, podendo-se observar um estágio de gramática *default*.

Seção III – Teorias sobre negação

As línguas exibem variação superficial nas sentenças negativas no que diz respeito à:

- a) posição da negação em relação ao verbo;
- b) concordância negativa;
- c) negação externa;
- d) negação descontínua.

Quanto à posição da negação, sabemos que é determinada por vários fatores:

- a) pelo movimento ou ausência do movimento do verbo para I (Inflection);

⁴ Agr = traços formais de um item lexical que podem ser (\pm interpretável), de acordo com Chomsky (1995).

- b) pela subida ou não do verbo para C (Complementizer);
- c) pela natureza da categoria NegP.

Observamos que, quando a negação é núcleo, em X^o, haverá a possibilidade da língua ser [+CN]; se a negação é pós-verbal, em XP, a língua será do tipo [-CN]. Assim, partindo da observação dessas propriedades correlacionadas, inclusive o movimento dos verbos, podemos propor, provisoriamente, a seguinte generalização:

(4) Generalização 1

Neg em posição de núcleo = negação pré V → [+CN]

Neg em posição de Spec = negação pós V → [-CN]

A concepção de parâmetro, no entanto, é pouco discutida na literatura sobre negação, com exceção de Ouhalla (1991) e Zeijlstra (2002).

Sabemos que a posição de Neg é determinada pelo movimento de V, ou pela sua natureza de X^o ou XP.

3.1. Parâmetros da negação

3.1.1. - Um trabalho preocupado com o problema do parâmetro da negação é o de Ouhalla (1991). Para Ouhalla, NegP é uma categoria funcional independente, uma projeção máxima, que se situa entre I e VP.

Partindo das propriedades de c-seleção, o autor propõe a existência de um parâmetro Neg, com duas possibilidades:

(A) Primeira possibilidade do Parâmetro

i. Neg c-seleciona VP

ii. Neg c-seleciona Agr/T

(B) Segunda possibilidade do Parâmetro

i. Neg é preso.

ii. Neg é livre.

Ouhalla ressalta que quando o morfema da negação é preso, como acontece em turco, o V pode se movimentar com seu afixo.

3.1.2. - Zeijlstra (2002), considera que a negação é realizada via relação núcleo/especificador, com duas possibilidades. O parâmetro da negação proposto por ele é o seguinte:

- a) Se o parâmetro é estabelecido em Spec, todo elemento negativo se localiza no Spec de NegP, significando que no caso em que há duas palavras-n em uma sentença, existem dois XPs, cada um dominado por um NegP com um especificador visível, resultando em DN.
- b) Se o marcador negativo for um núcleo, ele se cliticiza ao elemento que ele nega. Isso poderia ser concebido, no nível sintático, como um núcleo que projeta NegP que domina XP.

3.2. Conclusões

De acordo com o quadro teórico adotado, estamos assumindo a proposição de Zeijlstra para o parâmetro da negação. Com Ouhalla, assumimos a idéia de que há variação paramétrica entre as línguas, e que a condição da negação ser afixal ou não, pode ter relevância para determinar o surgimento, na superfície, da negação pré ou pós-verbal.

Seção IV – A negação do PB

4.1. Negação intra-sentencial

Mioto (1991) apresenta um estudo sintático da negação sentencial do PB, averiguando como a negação sentencial é expressa, procurando explicar fatos observados, com base na teoria gerativa. Duas propostas são apresentadas para explicar o preenchimento do núcleo de NegP. Ou o núcleo está vazio ou é preenchido pelo *não*, entendido como um *não* átono, que ocorre junto a um verbo. Ao buscar estabelecer a melhor estruturação das categorias funcionais no PB, Mioto propõe a seguinte estrutura: NegP>AgrP>TP. Para o autor a estrutura sentencial do PB seria assim representada:

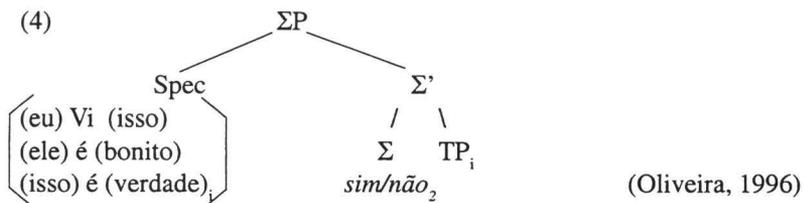
- (1) (Neg (I (V)))
 (2) Maria não viu o carro.

4.2. Negação externa no PB

Oliveira (1996) atribui a ΣP o lugar em que a negação externa aparece pré ou pós sentencialmente, analisando tipos de sentenças, em (3), como resultantes de um movimento de IP para Spec de ΣP , projeção acima de IP, onde se encontram as partículas polares *sim/não*.

- (3) a) Não, eu não vi. b) Sim, eu vi.
 c) Eu não vi, não. d) Eu vi, sim.

Observemos sua representação, a seguir, em que TP se move para Spec de ΣP .



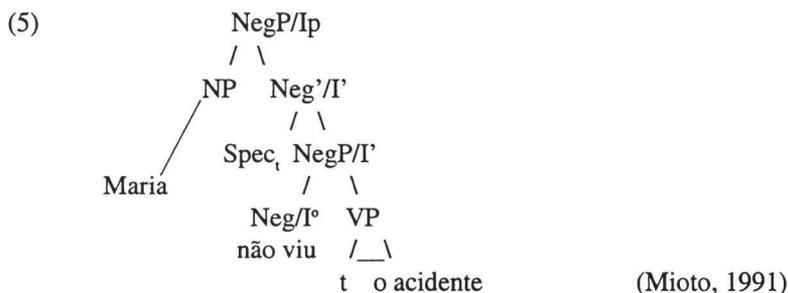
Vital (1999) procura mostrar, através de um estudo diacrônico, que a forma *não* pré-verbal do PB evoluiu e se encontra em um certo estágio, ao passo que a forma *num* estaria adiante no quadro de evolução, podendo mesmo ser apagada em algumas contextos.

Apresentamos, a seguir, um resumo para o PB:

- A) neg pré-verbal é um clítico pré-verbal, núcleo de NegP. (Mito, 1991)
- B) Neg pós-verbal é externo à sentença, com TP movido para o Spec de ÓP. (Oliveira, 1996)
- C) Neg pré-verbal está em processo de gramaticalização, podendo desaparecer. (Vital, 1999)

4.3 - Posições assumidas

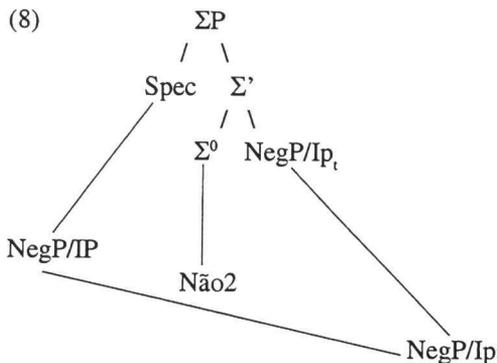
Assumiremos, pois, a proposta de Oliveira (1996), para a negação externa, e a de Mito (1991), para a derivação da sentença negativa. Assim, estamos assumindo a existência da categoria NegP que domina TP, e a idéia de que o *não* sentencial do PB ocupa o núcleo de NegP, havendo a possibilidade de palavras-n ocuparem o Spec de NegP, como pode ser visto na representação a seguir.



(6) [[_{SpecIP/NegP} Maria] [_{NegP/IP} ° não viu] [_{ObjVP} acidente]].

(7) [[_{SpecIP/NegP} Maria] [_{NegP/IP} ° não viu] [_{ObjVP} nada]]

A representação em (5), com base em Miotto (1991), dá conta da sentença negativa com negação interna à sentença, enquanto a representação de (4), com base nos estudos de Oliveira (1996), dá conta da negação extra-sentencial do PB. A seguir temos as duas árvores juntas.



(9) [[_{NegP/IP} Maria *num* viu nada][S_{Po} não]].

Adotamos a proposta de Camargos (2002)⁵, para justificar o fronteamento de NegP/IP para o Spec de Σ em (8), com a realização de *não* em Σ⁰. O autor apresenta uma reanálise do núcleo negativo incorporado em T^o, tomando por base a teoria do movimento como cópia (Chomsky, 1995 e Nunes, 1999). O ponto central da análise de Camargos tem base na reavaliação do estatuto do movimento e do traço do marcador negativo em posição pré-verbal. Evidencia que os marcadores negativos na sentença formam uma cadeia, e estão, por isso, sujeitos às propriedades de linearização. A realização do item *não* como clítico decorre de uma reanálise morfológica de dois núcleos em mútua relação de c-comando. O marcador pré-verbal teria formado uma palavra morfológica com o núcleo verbal, tornando-se invisível para o LCA (Kayne, 1994), mas permanece visível na FF. Por essa razão, tanto a realização da negação como *não* ou *num* são possíveis. Argumenta o autor que, se os traços estão sendo incorporados ao verbo e este complexo está sendo lido como uma única unidade fonológica, a incorporação de *num* pelo verbo impede que este elemento receba o acento de foco. O único elemento negativo que será visto pelo LCA, é a cópia distinta do elemento negativo em Σ⁰.

⁵ Para evitar uma violação teórica, passando a categoria NegP/IP por cima do núcleo Σ⁰.

4.4. Conclusões

Traçamos abaixo um resumo comparativo das estruturas das línguas envolvidas.

Espanhol, francês e italiano = PB: [+ V para I; Neg = núcleo ∴ + CN]

Inglês: [- V para I; Neg = XP ∴ -CN, + inserção de Aux em I]

O chinês cantonês: [-V para I; Neg = XP ∴ -CN, inserção de Aux em I]

Com base nessas descrições, pretendemos analisar os dados de aquisição dos sujeitos de nossa pesquisa.

Seção V – Análise dos dados

5.1. Grupo I

Os falantes de línguas +CN, espanhol, francês e italiano estão no grupo I, por razões já explicitadas. A análise dos dados permite a afirmação de que os falantes de espanhol, francês e italiano, mostram ter a negação pré-verbal e a CN desde o início da aquisição do PB, corroborando as hipóteses iniciais mencionadas sobre o acesso indireto à GU, via L1.

5.2. Grupo II

5.2.1. Inglês Americano como L1 e PB como L2/L3

No grupo II estão as amostras do inglês americano e a de chinês cantonês, línguas (-CN).

Retomando as informações que temos sobre a sintaxe da negação em inglês, podemos delinear o seguinte resumo: o inglês não tem movimento de V-para-I dos verbos temáticos, o PB tem. O inglês tem Neg em Spec de NegP e o PB tem Neg no seu núcleo. A relação entre Neg nuclear e a estrutura [+CN], e Neg (XP) e a estrutura [-CN], explica porque o inglês não tem CN. O falante americano terá que descobrir que Neg em PB é pré-auxiliar e pré-verbal (núcleo de NegP) e não apenas pré-Aux, como no inglês, justamente por que o inglês não tem movimento de V-para-I.

Sabemos que os informantes americanos falavam espanhol, uma língua de negação pré-verbal, nuclear. Podemos, então, cogitar que os falantes se valerem do conhecimento que já tinham do espanhol como ponte para a aquisição do PB. Nesse caso, podemos afirmar que a S_0 = L2, tendo funcionado para acesso ao PB como L3. A hipótese de acesso indireto à GU, via L2, fica aqui registrado.

5.2.2. Chinês cantonês como L1 e PB como L2

Lembrando que o chinês cantonês difere do PB em, pelo menos, quatro aspectos no que se refere à negação: núcleo XP vs X^0 , (-CN) vs (+CN), [-V-para I] vs [+V-para-

I], morfema preso x morfema livre, e que esses fatos poderão dificultar a aquisição da negação do PB pelo falante de chinês cantonês, passamos à análise da fala desse informante.

O informante apresentou cinco estruturas distintas em sua aquisição da negação no PB.

Estrutura (a) Neg + V

Não sei. (entr. 1)

Eu não fui, eu não vai, eu não vou. (entr. 2)

Estrutura (b) Neg + Adv + V

Ele não muito gosta. (entr. 2)

Ele não muito dormir. (entr. 5)

Estrutura (c) Eu V nada.

Eu estudo nada. (entr. 2)

Eu faz nada. (entr. 2)

Estrutura (d) Neg V palavras-n

Não pode fazer nada. (entr. 5)

Estrutura (e) Neg V neg

Não tem não. (entr. 5)

Eu faz nada. (entr. 2)

Podemos afirmar que a aquisição de nosso falante chinês mostrou acesso à sua L1.

O estágio em que ele mostra uma gramática intermediária, revelam que o informante mantinha Neg em XP de sua L1, que é igual ao valor *default*, o que se comprova pela ausência de CN. Houve mudança do parâmetro de XP para X°.

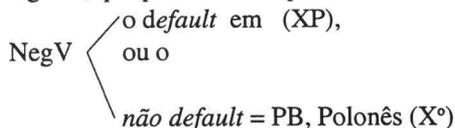
5.2.3. Polonês como L1 e PB como L2

O polonês, embora seja uma língua de CN e de negação pré-verbal, apresenta a configuração de uma CN na posição pré-verbal, não admitida no PB⁶, podendo-se prever alguma dificuldade para a aquisição da CN desse tipo, já que o conhecimento adquirido naquela língua não poderá ser integralmente transferido, em termos de marcação, para o PB.

Observando a fala de Olga, vemos que a informante apresenta estruturas que podem ser, assim analisadas:

⁶ O PB admite, para alguns dialetos, o mesmo tipo de CN em posição pré-verbal, encontrada no polonês.

Estrutura (a) Neg + V, que pode ser interpretada como:



Estrutura (b) com a presença de palavras-n, porém, sem CN, mostra que:

Neg é = *default* = XP⁷

Estrutura (c) Neg + nada, ninguém..., mostra que:

Neg passa de “default” para X°

Conclusão: S₀ = GU (*default*), ≠ L1

A análise da fala de Olga, mostra que, nesse caso, para a aquisição do PB, houve o acesso direto à GU, sinalizado pelo *default*, através das evidências de Neg em posição XP e conseqüente ausência de CN.

A questão que surge é: por que a falante deixa de lado o acesso indireto, via L1, abandonando o parâmetro marcado de sua L1, e assume o valor *default*?

Segundo Kato (2004), a visão macro de parâmetro, como um conjunto de propriedades de um mesmo parâmetro, vem sendo questionada. A tendência hoje é por uma visão micro-paramétrica, assentada em sub-parametrizações.

Uma das semelhanças entre o polonês e o PB é na negação, que nas duas línguas se aloca na posição X°, porém, diferem quanto às estruturas da CN. O polonês tem essa concordância na posição pré-verbal com [palavras-n + *nie* + V], opção inexistente no PB, ou com [*nie* + V + palavras-n], de forma semelhante à do PB.

Essa diferença pode ser vista como um sub-parâmetro no polonês que o PB não tem. O fato de Olga ter recorrido ao *default* indica que a fixação de um parâmetro não é suficiente para garantir o acesso indireto à GU, há que se considerar também os sub-parâmetros.

5.3. Discussão da análise de dados

Retomemos alguns dos pontos abordados pela proposta de Roeper, na teoria do Bilingüismo Universal.

Para Roeper, a criança parte, inicialmente, de uma gramática *default*, a MDG (*Minimal Default Grammar*). À medida em que a criança é exposta ao *input*, ela vai selecionar o valor do parâmetro de sua L1, que poderá ser igual ao *default*, ou diferente. Porém, se o parâmetro da L1 for diferente do MDG, o *default* permanecerá latente, podendo ser ativado numa situação de aquisição de uma nova gramática.

⁷ Lembramos que o *input* foi o PB paulista.

A parte importante da Teoria do Bilingüismo Universal, para a presente tese, é que ela pode ser interpretada não só como uma hipótese de acesso total à GU, no caso de uma Língua-I, com a G1, mas também como uma hipótese de um acesso indireto, com a G2, via periferia marcada.

A análise dos dados dos informantes, aqui estudados, indica que, na aquisição da negação e da CN do PB/L2 houve:

1) Acesso direto à GU, pela presença da *default*, MDG, atestado na fala dos informantes de polonês e de chinês cantonês, com negação em XP, e conseqüentemente, -CN.

2) Acesso indireto à GU, via L1, com negação em X°, + CN, atestado no caso dos falantes de francês, italiano, espanhol; e via L2, no caso dos informantes americanos, constituindo-se a evidência do acesso indireto, via L2/espanhol, algo não previsto inicialmente.

No capítulo seguinte, apresentaremos as conclusões finais.

Seção VI – Conclusões

As hipóteses que nortearam nosso trabalho apoiaram-se:

- (a) no estudo prévio de (Fonseca, 1999), com dados de um sujeito alemão.
- (b) nas teorias sobre negação;
- (c) nas teorias sobre aquisição.

6.1. Estudo prévio

Na presente pesquisa, percebemos que a seqüência prevista se confirmou, tendo havido, porém, mais três estágios intermediários entre os estrangeiros, não observados, no entanto, nos dados de aquisição por crianças brasileiras.

Os dados analisados da aquisição pelos estrangeiros mostram a relevância da posposição da palavra-n ao V e não simplesmente sua presença para que a CN ocorra. É a presença de itens de polaridade negativa em posição pós-V que detonam a CN, devendo ser esse o *trigger* para a aquisição de tal fenômeno no PB.

6.2. Teorias sobre negação

Com relação às teorias sobre a negação em (b), entende-se que há uma relação entre a natureza XP, o *default*, e X°, a posição marcada, de Neg com a posição de Neg e a possibilidade de CN, da seguinte forma:

(b1) Se Neg = X° → Neg = pré-verbal

(b2) Se Neg = XP → Neg = pós-verbal (e possibilidade de Neg pré V afixal) e -CN.

Duas línguas não se encaixaram perfeitamente nessa hipótese:

(b3) O Polonês que permite CN com elementos pré-verbais;

(b4) O Chinês Cantonês que tem a negação pré-verbal afixal, e é -CN.

Para o caso do Polonês, aventou-se a hipótese de haver uma sub-parametrização, cuja representação está abaixo.

O observado foi que a falante polonesa precisou efetuar uma operação de volta ao *default*, para a aquisição da CN no PB. Nesse caso, um sub-parâmetro foi suficiente para provocar o acesso à gramática *default*, que, de acordo com Roeper (1999) estará sempre ao alcance dos falantes. Não temos, porém, ainda uma hipótese sobre o que determina o sub-parâmetro que licencia concordância negativa pré verbal. Esse é um assunto que poderá ser objeto de futuras pesquisas.

Para o caso do Chinês Cantonês, mostrou-se, pela posição do advérbio, que o V não se move para I, como no Inglês. O Neg é um XP e pré-verbal, por conta disso, não possibilitando a CN. Além disso, explica-se a posição pré-verbal de Neg em chinês cantonês pela sua natureza afixal.

6.3. Teorias sobre aquisição

Nosso trabalho se insere na linha do acesso indireto à GU. Procuramos, através dos dados, verificar de que forma o acesso se dá no momento da aquisição, se é direto (via *default*) ou indireto (via L1). Acredito que a presente tese é uma colaboração para a discussão sobre o acesso à GU.

Roeper é o autor, embora proponha uma teoria para dar conta da aquisição de uma L1, que possibilita uma interpretação mais adequada para os dados encontrados na nossa pesquisa.

Com relação a (c) teorias de aquisição, assumiu-se a hipótese de que $S_0 = L1$, mas que a GU estaria disponível para o acesso, via MDG. Tivemos a confirmação dessa hipótese. Confirmamos também que a pista mais forte é a posição da negação em XP, considerada como o *default*, que determina a ausência de CN.

A aquisição da negação no PB tem a ver com esses casos e com os casos de sub-parametrização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEY-VROMAN, R. (1989). 'What is the logical problem of foreign language learning?'. In: *Linguistic Perspectives on second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press: 41-68.

CAMARGOS, M. (2002). A Teoria de Cópia e a Negação. Dissertação de Mestrado, UFMG.

- CARROLL, S. (2001). *Input and evidence, the raw material of second language acquisition*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam.
- CHOMSKY, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1973). 'Conditions on transformations', In: Anderson, S. R. e P. Kiparsky (eds.), *A Festschrift for Morris Halle*, Holt, Rinehart and Winston, Inc., New York.
- _____. (1981). *Lectures on government and binding*. Foris, Dordrecht.
- _____. (1995). *A Minimalist Program*, Cambridge, MIT Press, USA.
- CLASHEN, H. & MUYSKEN, P. (1986). 'The availability of universal grammar to adult and child learners: A study of the acquisition of German word order'. In: *Second Language Research*, 2: 93-119.
- EUBANK, L. (1996). 'Negation in early German-English interlanguage: more valueless features in the L2 initial state'. In: *Second language research* 12, 1: 73-106.
- FONSECA, H.D.C. (1999). *Aquisição da Concordância Negativa (CN) no Português Brasileiro (PB) como segunda língua (L2)*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Unicamp, Campinas/SP.
- KATO, M.A. (2002). *Aquisição do Português como L2 e a perda do Japonês como L1: um estudo de caso*. (ms).
- _____. (2004). 'A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical'. (ms).
- KAYNE, R. (1994). *The antisymmetry of syntax*. MIT Press, Cambridge, Mass.
- LAKA I. (1990). *Negation in syntax: on the nature of functional categories and projections*. PhD dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- LENNEBERG, E. (1967). *Biological Foundations of Language*. New York: Wiley.
- MEISEL, J.M. (2000). 'On transfer at the initial state of L2 acquisition'. In: *Working papers in multilingualism*.
- _____. (1997). 'The acquisition of the syntax of negation in French and German: contrasting first and second language development'. *Second language research*, vol. 13, 3, p.227-263.
- MIOTO, C. (1991). *Negação sentencial no português brasileiro e teoria da gramática*. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas, SP, Brasil.
- NUNES, J. (1999). *Linearization of chains and phonetic realization os chains links*. In: *working minimalism*, 217-2249. Eds. S. D. Epstein and N. Hornstein. MIT Press, Cambridge, Mass.
- OLIVEIRA, M. (1996). *Respostas assertivas e sua variação nas línguas românicas: seu papel na aquisição*. Tese de Doutorado em Linguística, Unicamp.
- OUHALLA, J. (1991). *Functional categories and parametric variation*. Routledge. London. UK.
- ROEPER T. (1999). 'On universal bilingualism'. In: *Bilingualism: Language and cognition*.2 (3) 169-186.
- SCHWEGLER, A. (1990). *Analyticity and syntheticity: a diachronic perspective with special reference to romance languages*. Berlin: Mouton de Greyter.
- _____. (1991). 'Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese – a change in progress'. In: *Orbis*, p. 187-214.

- SCHWARTZ, B.D. & SPROUSE, R. (1996). 'L2 cognitive states and the full transfer/full access model'. In: *Second Language Research* 12(1):40-72.
- VAINIKKA & YOUNG-SCHOLTEN. (1996). 'Gradual development of L2 phrase structure'. In: *Second Language Research*, 12:7-39.
- VITRAL, L. (1999). A negação: teoria de checagem e mudança linguística. In: D.E.L.T. A., vol.15, no. 1, p.57-84.
- WHITE, L. (1990). 'The verb movement parameter in second language acquisition'. In: *Language acquisition*, 1 (4) 337-60.
- ZANUTTINI, R. (1994). 'Re-examining Negative Clauses'. In: *Paths Towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard S. Kayne*. Eds. Cinque et al. Georgetown University Press. Washington, DC.
- ZEIJLSTRA, H. 'Two ways of expressing negation'. In: *Proceedings of ConSOLE 12*. (no prelo).
- _____. 'What the Dutch Jespersen Cycle may reveal about Negative Concord'. In: *Linguistics in Potsdam*, 19: 183-206, 2002.